

## A GEOGRAFIA ESCOLAR CEARENSE: UMA BREVE HISTÓRIA

### RESUMO

A história da Geografia como disciplina escolar apresenta longa trajetória. Seguiu o desenvolvimento dos currículos escolares, da expansão das escolas e institucionalização da instrução pública. O período da pesquisa se desenrola a partir de 1840, momento da instalação do Liceu do Ceará, até o surgimento do primeiro curso superior de formação de professores na disciplina, datado de 1947. Das evidências periféricas da historiografia cearense foram sendo reconstruídas a estrutura e dinâmica da formação do saber geográfico local. O trabalho de investigação baseou-se, em registros de arquivos públicos e privados, bibliotecas, leituras de dissertações e teses acerca da temática e, sobretudo, das Revistas do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, permitindo acesso aos escritos que compunham o passado da Geografia escolar da cidade de Fortaleza, e de outras localidades no Estado.

**Palavras-chave:** Geografia escolar. Livros didáticos. Professores de Geografia.

### ABSTRACT

The history of Geography as a school subject has had a long trajectory. It followed the development of the school curricula, the expansion of the schools and the institutionalization of the public instruction. The period of research starts in 1840, the moment of installation of Liceu in Ceará, and goes up to the creation of the first higher course of Teaching in the subject researched dated from 1947. From the peripheric evidences of the Cearense historiography the structure and dynamic of the formation of the local geographic knowledge were being reconstructed. This work of investigation is also based on public and private file records, libraries, dissertations and theses about the theme, and, mainly on the journals of The Institute of History, Geography and Anthropology of Ceará allowing this way the access to the writings which built the past of the school Geography of Fortaleza, and other cities within Ceará .

**Key-words:** School Geography. Textbooks. Geography teachers.

### RESUMEN

La historia de la Geografía como asignatura escolar tiene larga historia. Se siguió el desarrollo de los planes de estudio, la expansión de las escuelas y la institucionalización de la educación pública. El período de la investigación se desarrolla a partir de 1840, el momento de la instalación de Liceu de Ceará, hasta la aparición del primer grado en la formación docente en la disciplina, que se remonta a 1947. De la evidencia periférica de historiografía se está reconstruyendo la estructura y dinámica de la formación el conocimiento local geográfico. El trabajo de investigación ha baseiou en los registros de archivos, bibliotecas, disertaciones y tesis públicas y privadas, lecturas sobre el tema y sobre todo las revistas del Instituto Histórico, Geográfico y Antropológico de Ceará, permitiendo el acceso a los escritos que componen el pasado de la geografía, la escuela, la ciudad de Fortaleza, y en otras partes del estado.

**Palabras clave:** Geografía escolar. Libros de aprendizaje. Profesores de Geografía.

Eluziane Gonzaga Mendes  
Geógrafa (UECE), Especialista em  
Ensino de Geografia (UCAM),  
Mestre em Geografia (UECE) e  
Doutora em Educação (UFC).  
eluzianemendes@gmail.com

## INTRODUÇÃO E CAMINHO METODOLÓGICO

A história da Geografia como disciplina escolar apresenta longa trajetória. Seguiu o desenvolvimento dos currículos escolares, expansão das escolas e institucionalização da instrução pública no Estado do Ceará. O período analisado na pesquisa se desenrolou a partir de 1840, momento da instalação do Liceu do Ceará, centro de referência para as demais instituições escolares, até o surgimento do primeiro curso superior de formação de professores, a Faculdade Católica de Filosofia do Ceará – FAFICE, datado de 1947.

Na constituição dessa história foi necessário compreender métodos da pesquisa geohistórica e a importância das fontes históricas compreendidas como todo e qualquer documento, registro, vestígio, termos correlatos, produzidos pela humanidade no tempo e no espaço. É herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base à construção do conhecimento histórico das ciências, dentre elas a Geografia. (SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique, 2005).

Fragments da pesquisa foram se revelando em acervos documentais, arquivos público e privado, registros bibliográficos, documentos oficiais (planos de governo, ofícios, atas, mensagens), além do contato com obras raras (livros didáticos constituídos e utilizados nas escolas do período analisado), além de extensa leitura bibliográfica, teses, dissertações e artigos das Revistas do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará e da Sociedade Cearense de Geografia e História.

Após o desenvolvimento da pesquisa de fontes documentais, bibliográficas e imagéticas, compreendemos que para investigar a Geografia escolar cearense poderíamos seguir por alguns eixos. A pesquisa dos sujeitos, com a construção de história das mentalidades da época, por biografias, obras produzidas e atuações institucionais docentes e científicas; outro caminho os currículos, seguindo a análise de fontes oficiais, tendo como exemplo, documentos, planos da educação pela via político-estrutural da educação cearense. Ao compreender a forte atuação das instituições escolares e a participação dos professores, decidimos investigar alguns sujeitos que atuaram como professores de geografia e as obras didáticas por eles empregadas, acompanhados de breve caracterização das principais fases da geografia escolar cearense.

### A GEOGRAFIA CLÁSSICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO SENADOR POMPEU

MESTRE. *O que é um corpo?*

DISCIPULO. É tudo, que tem extensão, largura, e grossura, ou profundidade; quando o corpo é perfeitamente redondo, chama-se *bola, globo, ou esfera*.

*Que é superfície?*

É o eu termina o corpo. A superfície tem duas dimensões, a da largura, e da extensão.

*Que é linha?*

*Brazil (1856, s/p.).*

A primeira fase da geografia escolar cearense constituiu-se pela relação entre a geografia científica e a geografia escolar<sup>1</sup>, assim como se apresenta no prefácio acima, no

<sup>1</sup> No Brasil, a geografia criou estatuto de disciplina autônoma com a instalação do Imperial Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, considerado escola modelo no ensino do país, no entanto, “o que acabou acontecendo foi que o colégio criado, a bem da verdade, tornou-se meramente um padrão

fragmento do Compêndio de Geografia, produzido por Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, em sua edição de 1856. Interessante destacar no texto de Pompeu, a marcação expressiva do papel desempenhado pela figura do Mestre e do discípulo. Neste caso, o mestre ocupava a posição de um sábio que questionava seu discípulo sobre o significado dos conceitos geográficos. Essa forma de aprendizagem foi conhecida como método dialogístico ou de catequese, característica da geografia escolar clássica e tradicional. (BRAZIL,1856; SOUSA NETO, 1997; ALBUQUERQUE, 2010).

Assim como na formação da geografia cearense científica, o Senador Pompeu, em sua condição de educador, desenvolveu vasta produção bibliográfica, com significativa difusão no País. O Compêndio “Elementos de Geografia”, de acordo com Sousa Neto (1997), foi ampliado e transformado em obra escolar em 1856, publicada em Fortaleza, nos anos posteriores 1859, 1864 e 1869 e reeditada no Rio de Janeiro. Por longo tempo, os livros de Thomaz Pompeu foram utilizados nas escolas brasileiras e considerados referências para escritos posteriores. A última edição foi atualizada e ampliada, formou o “Compendio Elementar da Geographia Geral e Especial do Brasil”, publicada no Rio de Janeiro, pela editora Eduardo & Henrique Laemmert, 5ª Ed. 680p.

O método dialogístico presente nas obras de Pompeu consistia na escrita dos conceitos, em formato de diálogos entre discípulos e mestre. Porém, na edição de 1859, o método dialogístico foi retirado da obra e, de acordo com os pesquisadores supracitados, o Compêndio foi uma continuidade daquilo que já existia na época, não havia muitas novidades, persistia a ausência de imagens.

Conforme Sobrinho (1929, p.11), apesar de Thomaz Pompeu já conhecer as principais obras de Humboldt, baseou os seus trabalhos no sistema teórico universalmente utilizado nos escritos de sua época. Este fato, segundo Albuquerque (2011), foi ainda em decorrência da falta de mapas do Brasil, pois os que existiam não tinham precisão cartográfica. Ainda, segundo a referida autora, “as primeiras imagens a compor os livros didáticos de Geografia publicados no Brasil foram desenhos e gravuras, encontrados especialmente nos livros publicados a partir de 1870, especialmente aqueles destinados ao ensino de cosmografia, portanto, eram gravuras da esfera terrestre [...]” (op. cit, p.74).

O compêndio de Thomaz Pompeu era uma compilação<sup>2</sup> de informações distribuídas no livro em formato de dicionário, conceitos e significados, retirados dos

---

ideal” (ROCHA, 2010, p.635). Outros fatores que colaboraram na valorização da Geografia nos currículos escolares do Império foram a inserção da matéria, nos exames de seleção para ingresso nos cursos jurídicos, desde 1831, segundo Pessoa (2007, p. 34). Acrescentamos, na mesma perspectiva, auferido de Del Priore e Venancio (2010, p.200), o esclarecimento de que no exame de seleção do curso preparatório para a “Escola Central, que em 1858 sucedeu a Academia Real Militar, de 1810”, exigia sólido conhecimento do candidato, dentre as várias disciplinas, a de geografia e história. Por esses e outros motivos a geografia como saber escolar foi adquirindo importância dentre os saberes escolares.

<sup>2</sup> Sousa Neto (op. cit., p. 47-48), explicou ainda que “a compilação era, portanto, uma conduta universal, que transformava em documentos os dados fornecidos pelos viajantes, capitães-mores, presidentes de província ou membros das sociedades geográficas”, assim como observamos no capítulo anterior com as contribuições dos estudiosos, naturalistas, sobre a composição da geografia cearense. Neste sentido, não é possível fazer anacronismos, criando críticas tão severas ao que foi produzido no passado remoto, ao lembrar-se das ínfimas condições e poucas possibilidades que existiam para realizar a publicação de um livro.

relatórios dos presidentes das províncias. Seguiu algumas características da obra de Aires de Casal, porém teve atenção de corrigir pequenos erros deste autor. Chamou atenção Sousa Neto (1997) para o fato de que um livro com a importância que teve, não pode ser desconsiderado em sua missão, em contribuir para a formação de uma identidade nacional.

No final do século XIX, a geografia ensinada no Brasil ainda era considerada apolítica, descritiva, catalográfica ou enciclopédica, como resultado da formação de banco de dados sobre a descrição da Terra, assim como fora realizado nas instituições científicas e de exploração. Era um conhecimento baseado nos moldes europeus, sobretudo, de origem francesa, em que a memorização de conceitos e informações era o principal objetivo do ensino, devidamente cobrados no processo de avaliação, a exemplo do método de Lancaster.

Declarou Rocha (2010, p.661) que as características da geografia tradicional não eram por acaso, existiam intenções subjacentes a seleção de conteúdos, portanto “o rigor no controle dos conteúdos e compêndios buscava evitar que nas salas de aulas fossem transmitidos conhecimentos, visões de mundo, posturas político-ideológicas etc., que entrassem em choque com os interesses dos grupos que controlavam o poder de Estado”.

Nesse período, os livros escritos direcionados às escolas ainda não eram considerados materiais didáticos<sup>3</sup>, não continham exercícios de fixação nem ilustrações. Só mais tarde é que foram inseridos os mapas, no sentido da explicação, sobretudo da Cosmografia. Na realidade, eram materiais de apoio aos professores e alunos. A expressão livro didático foi criada no século XX para denominar os materiais utilizados no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, sobretudo da educação básica, conforme Monteiro (2009) e Silva (2011).

Muitos compêndios e manuais de ensino foram criados pelos próprios professores de disciplinas, a exemplo do Compêndio que estamos visualizando, produzido pelo Senador Pompeu, quando desempenhou suas atividades docentes no Liceu do Ceará. Esse legado foi repassado para seus descendentes. Segue caracterização do que eram os manuais e compêndios de ensino, produzida por Silva (op. cit., p.295):

Antes do século XX – o tempo do progresso e da civilização – tinha-se os manuais e os compêndios escolares que eram livros sintetizadores dos conhecimentos científicos de uma determinada área de saber, nos quais não havia os exercícios (a elaboração destes era tarefa exclusiva do professor), a linguagem pouco diferia daquela utilizada nos espaços acadêmicos e um mesmo manual podia ser utilizado por mais de uma década sem nenhum constrangimento pelos professores de então.

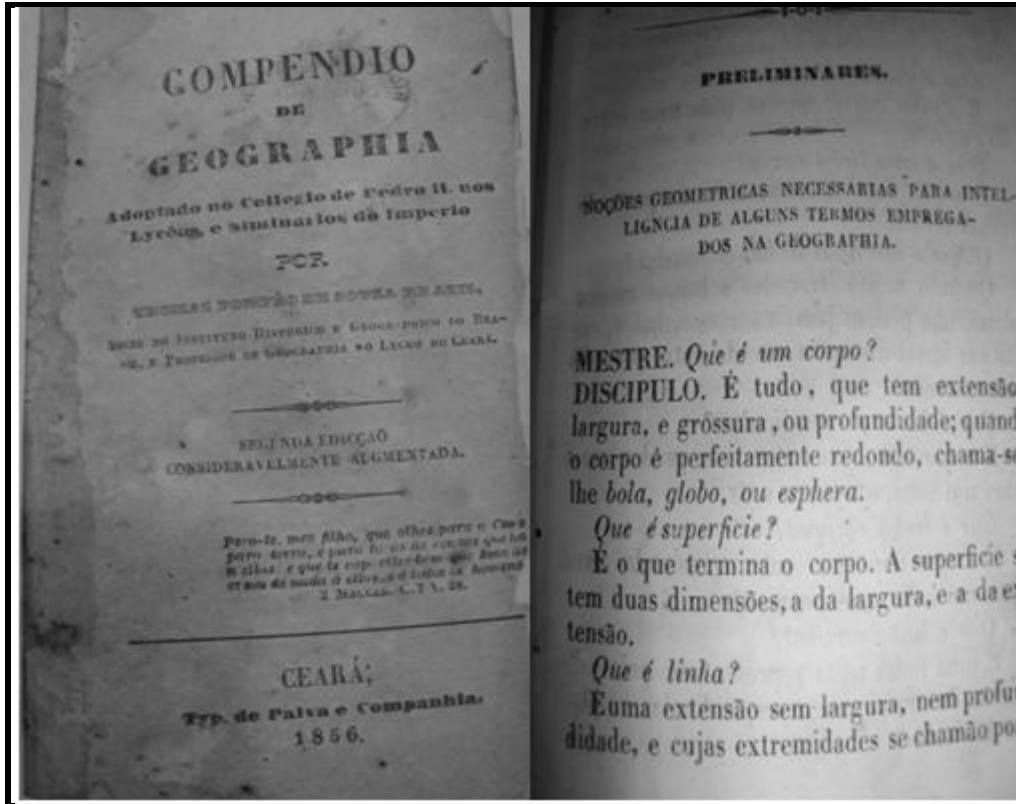
Num momento em que as dificuldades para impressão e publicação<sup>4</sup> de um livro eram imensas, a repetição de conteúdos e ausência de livros para alunos era compreensível.

<sup>3</sup> “O livro didático é um objeto recente no contexto escolar, assim como são os projetos político-pedagógicos, os currículos, dentre outros constructos surgidos no último século com o objetivo claro de ampliar a qualidade da educação ofertada – especialmente nas redes públicas de ensino – e atender a ampliação do atendimento escolar”. (SILVA, 2011, p.295).

<sup>4</sup> Albuquerque (2010, p.71) informa ainda que “os livros didáticos de Geografia no século XIX começam a ser publicados efetivamente no Brasil a partir da década de 1870, aqueles anteriores a esta data são raros, tendo em vista que não havia nem um número significativo de editoras e nem um mercado consumidor para tais publicações”. Somente com a instalação da Imprensa Régia que os livros iniciaram processo maior de edição, perdurando até 1822, data da Independência do Brasil, conforme a autora.

Na maioria das vezes, os livros eram impressos no Rio de Janeiro, capital do Brasil. No caso do ensino de Geografia no Ceará ficou claro, por meio da análise de diversas obras, principalmente aquelas produzidas pelos descendentes do Senador Pompeu (filho, sobrinho e neto), a repetição de dados e informações. E assim, a geografia escolar cearense permaneceu por longos anos com as mesmas características, conforme podemos observar na imagem a seguir:

**Livro do Senador Pompeu, 1856**



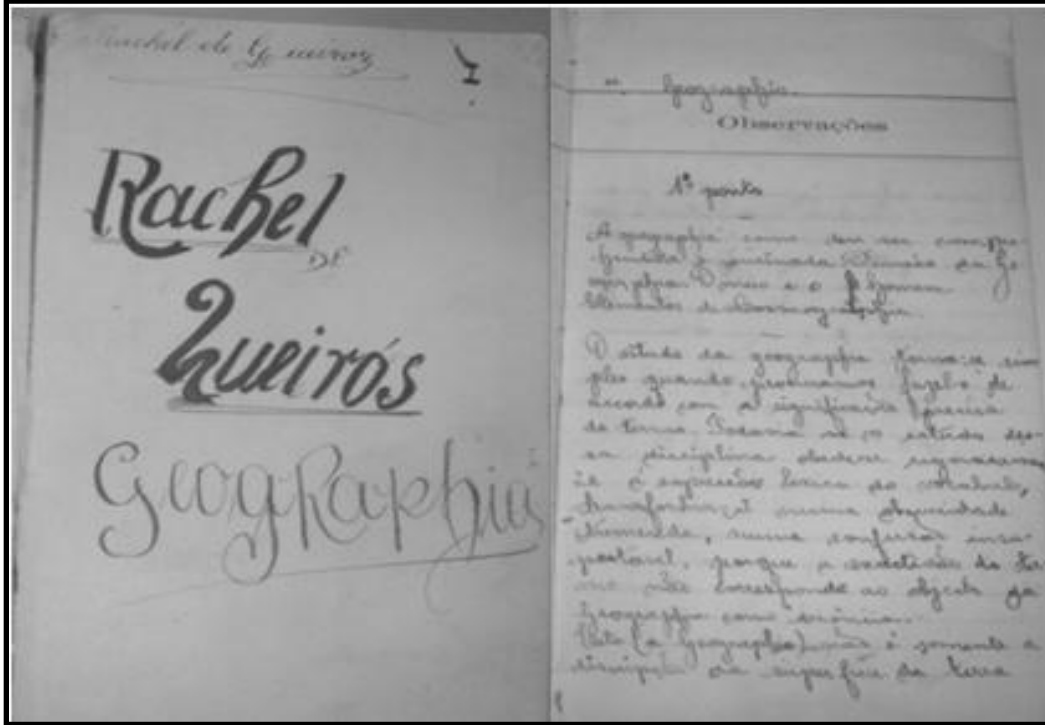
Fonte: Mendes, 2011/Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

Outro destaque interessante, que devemos atentar a partir do que se observa no livro de Pompeu, consiste no modo de apreensão desse conteúdo geográfico pelos alunos, assim como elucidado por Silva (2011). Não havia muita distinção entre os conteúdos ensinados na academia e os que eram levados para escola. Não havendo transposição didática, era papel do professor, atualizar e ampliar o ensino dos conteúdos. Daí, o processo da memorização ser o principal recurso para aprendizagem. Como não se aprende o que não se compreende, o que restava era o processo da memorização, similar ao contexto que temos nos tempos de hoje, quando não há compreensão. Exemplar dessa aprendizagem, a mnemônica, foi o que constatamos com os escritos no caderno de geografia de Raquel de Queiroz<sup>5</sup>, quando aluna do Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza. Observamos, com

<sup>5</sup> Conta a biografia dessa escritora, que seu pai foi professor de geografia, chegando a ensinar como professor temporário no Liceu do Ceará, instituição de renome. Asseveram seus biógrafos que a escritora, desde a juventude, sempre teve boa relação com o estudo da geografia do Ceará e do mundo. Excelente observadora da natureza, sobretudo em suas idas para fazenda da família, denominada “Não-me-deixes”. Peculiaridades identificadas em seus inúmeros livros, contos,

clareza, um ensino de geografia enciclopédico, cuja disposição dos conteúdos era similar ao método dialogístico, perguntas e respostas, conforme visualizado, em que lemos a descrição do conceito e subdivisões da geografia científica pela concepção da época.

**Caderno de Geografia da Raquel de Queiroz, aluna do Colégio Imaculada Conceição, 1922**



Fonte: Mendes, 2011 / Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

Era dessa forma que se buscava aprender conceitos e explicações sobre o mundo e seus lugares na geografia em formação. A importância maior do ensino de geografia só ocorreria na República, utilizada como instrumento ideológico para formar, mesmo de maneira incipiente<sup>6</sup>, o sentimento de nação que faltava ao povo brasileiro, regenerando-o da ignorância e indolência. Mas, a aclamada educação não foi para todos, apenas os grupos seletos da sociedade da época.

No período republicano, explicou Santos (2005), em sua dissertação de mestrado, a disciplina de geografia teve grande importância para formação do território brasileiro, contextualizando o momento histórico vivenciado, com a difusão do modelo republicano e as propostas de redenção<sup>7</sup>. Santos explicitou que os intelectuais da época “acreditavam que

poesias em que apresentava as peculiaridades do sertão nordestino e da vida sofrida do sertanejo, principalmente em tempos de seca.

<sup>6</sup> Esta intenção já existia desde o império, em formar um ideário nacionalista, com sentimento patriótico brasileiro, observa Sousa Neto (op. cit., p. 53) sobre o acesso às escolas por crianças e jovens, questionando “[...] que a maioria, não chegava aos bancos escolares no Império, como poderia ser a escola responsável pela criação desta pretendida unidade nacional?”. O fato é que foi instaurada uma estrutura de ensino e quadro docente deficitário, acompanhando o Brasil e o Ceará desde então. O ideário nacionalista fora transmitido aos poucos beneficiados que tiveram acesso aos bancos escolares e não a todos como era alardeado nos discursos políticos.

<sup>7</sup> A educação era vista como uma das principais alternativas para formação do espírito de Nação do povo brasileiro, resgatando-o de longos anos de obscurantismo intelectual pela ausência de instrução pública. Assim, Del Priore e Venancio (2010, p.172) afirmaram que desde o período

o programa de geografia nas escolas normal e primária poderia fazer cumprir o que tanto esperavam: a transmissão dos valores patrióticos e nacionalistas para formar o povo brasileiro.” (2005, p. 12).

## A GEOGRAFIA ESCOLAR NO SÉCULO XX

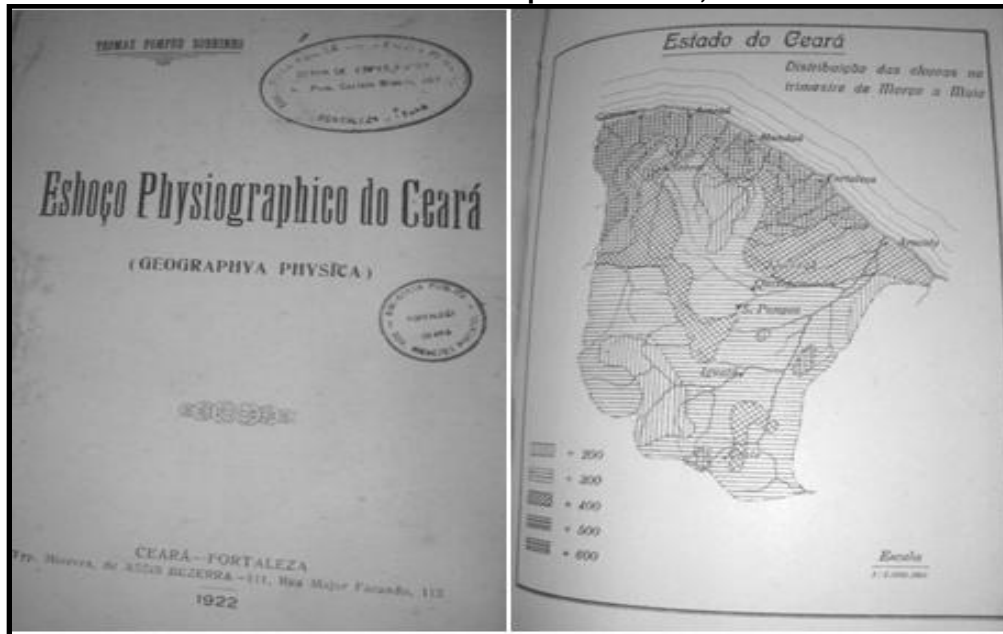
Ao contrário dos compêndios do século XIX, os livros produzidos no século XX no Ceará, demonstravam resultados de pesquisas desenvolvidas ao longo do século. Interessa lembrar que essas mudanças fazem parte de um novo contexto intelectual, no qual os estudiosos da Escola dos Annales vão se afastando da postura dos positivistas e propondo novos meios de pesquisa e ensino da História e Geografia. Exibiam imagens e mapas desenhados com a clara ampliação de conteúdos, passando do enciclopedismo de conceitos à caracterização física do Ceará, com a busca pela produção de um conhecimento original e endógeno. Nesta perspectiva, podemos citar o livro produzido por Thomaz Pompeu Sobrinho, “Esboço Physiographico do Ceará”, de 1922, enviado para o 5º Congresso Brasileiro de Geografia, na cidade S. Salvador, ocorrido em 1916. Tempos depois, essa obra foi reeditada e citada pela imprensa universitária como um livro de extrema importância para o conhecimento do Ceará.

Compreender a paisagem sertaneja foi um dos principais objetivos perseguidos pelo intelectual do semiárido. Thomaz Pompeu Sobrinho foi considerado um dos principais intelectuais no desenvolvimento da geografia cearense, em decorrência de sua formação em engenharia, ligada às ciências naturais e por ter recebido a herança intelectual do Senador Pompeu, um dos primeiros estudiosos do Ceará, além da trajetória profissional ligada ao estudo e aplicação de alternativas de convivência com as secas nordestinas.

---

imperial que “os intelectuais vinculados a esse projeto investiram, por sua vez, no combate aos movimentos separatistas, mostrando que os brasileiros constituíam uma nacionalidade com características próprias. Em outras palavras, para ser viável, o Império deveria não só se impor através da força, como também por meio de boas instituições e de uma identidade coletiva que justificasse a razão de ser da nação que estava se formando”. Porém esse projeto só tivera impulso na República, sobretudo a partir da década de 1930, que favoreceu a criação da instrução pública, gratuita e laica, além da reformulação dos currículos escolares.

**Livro de Thomaz Pompeu Sobrinho, 1922**



Fonte: Mendes, 2012 / Biblioteca da Academia Cearense de Letras.

Em seu livro de 1922, teve como temática principal conhecer as peculiaridades da natureza do Ceará, tanto que escreveu como subtítulo, “geographya physica”, abordando aspectos sobre o clima, hidrografia, solo, relevo entre outros temas pertinentes ao interesse do pesquisador. A partir do encontro com essas obras raras, começamos a compreender que no desenvolvimento de materiais escolares, sobretudo para instrução pública, no período republicano a partir da década de 1920, muitas foram as modificações que ocorreram na perspectiva pedagógica da educação brasileira, sob o movimento de renovação que teve início no começo do século XX, tomando como referência a obra de Virgílio Cardoso em 1908.

Neste mesmo sentido, salientou Rocha (op. cit, p.668): “a década de vinte representou para a geografia um momento de profundas transformações. Em oposição ao modelo de geografia tradicionalmente ensinado, emerge de forma paradigmática uma nova proposta de ensino para esta disciplina”. Por trás da produção de novos materiais didáticos, considerados modernos e renovados, estava a tentativa de mudar o pensamento dos professores para adotarem os fundamentos teórico-metodológicos, pautados no ideário da Escola Nova. “Assim, as coleções pedagógicas passaram a substituir os manuais, com a intenção de construir uma nova cultura pedagógica” (SANTOS, 2005, p.14). Chamamos atenção para outro aspecto investigado por Santos:

Nesse contexto é que a geografia foi alçada à disciplina de formação da nacionalidade, pois necessitava conformar o futuro cidadão segundo os novos princípios republicanos, o que ainda não se tinha conseguido alcançar, mesmo após algumas décadas da instauração da República. Assim, a geografia passou a ser vista como uma das principais disciplinas, como a melhor que contribuiria para disseminar os valores patrióticos e nacionalistas (2005, p.15).



Ante a essa abordagem, fica evidente a não afirmação de que todos os educadores assumiram novas posturas pedagógicas, baseadas na Escola Nova, introduzindo em suas práticas pedagógicas a exaltação à República e aos valores patrióticos. Pautados pelas análises de obras da época e pela pesquisa bibliográfica, diversas mudanças foram adotadas nas obras didáticas, conforme já explicado por Albuquerque (2010) e Mendes (2011). Nestas mesmas circunstâncias, ainda utilizando da compreensão de Albuquerque, é que entendemos a contextualização da educação brasileira e a publicação dos livros didáticos a partir da década de 1930, que, segundo a referida autora, foi o momento em que se popularizou a fotografia, sendo incorporada nos livros didáticos.

A década de 1930, correspondendo a “Era Vargas”, foi um marco na formação e organização do sistema nacional de ensino. Por um lado, acontecia a ampliação da rede de editoras nacionais responsáveis pela publicação de livros didáticos adotados na instrução pública. Por outro, a criação de novas tecnologias de impressão possibilitavam a inclusão de imagens nos livros. Os Estados passaram a ter mais estrutura para dotação do livro didático, uma vez que não existiam programas governamentais de distribuição de livros nas escolas.

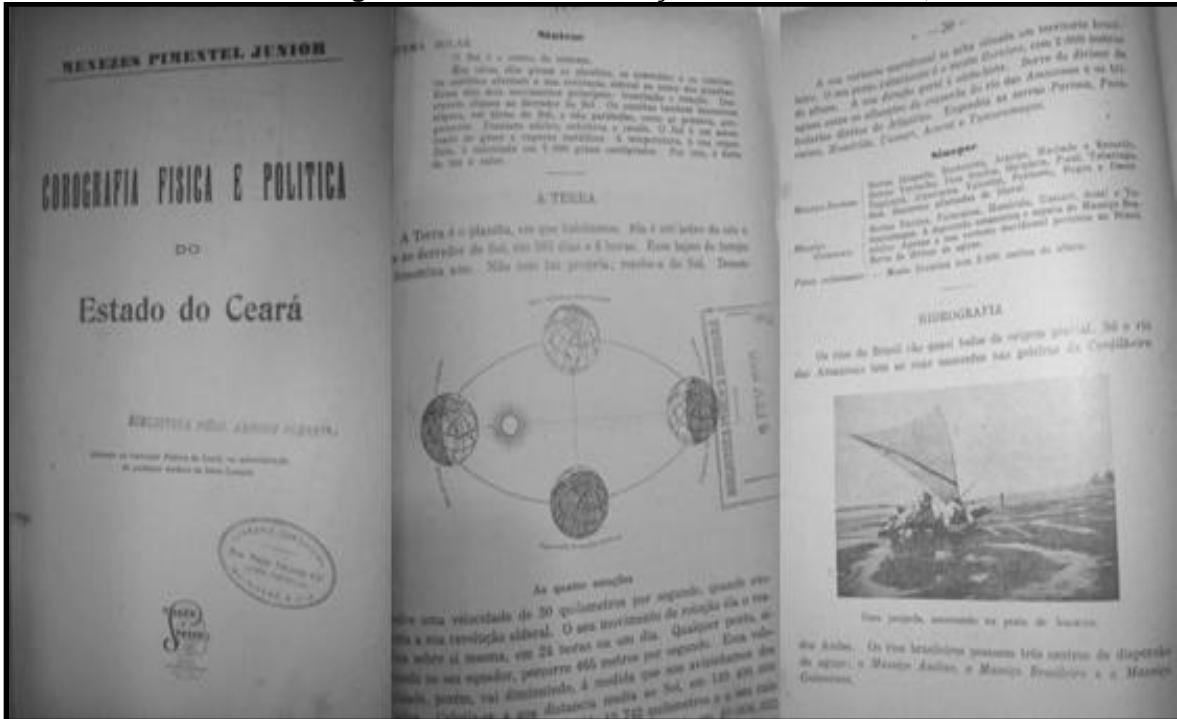
De qualquer forma, é preciso atentar para o fato de que as mudanças ficaram no âmbito da estética<sup>8</sup> do livro, pois assim como as obras de caráter nacional, os livros cearenses também mantiveram o padrão de exposição de conteúdos, iniciando pela cosmografia, seguidos dos elementos da natureza física do Ceará e finalizando com aspectos demográficos e econômicos de forma acrítica, despolitizada e mnemônica.

Para exemplificar esse contexto na história da geografia escolar cearense, encontramos o livro de Menezes Pimentel Júnior, denominado “Corografia Física e Política do Estado do Ceará”, de 1935. Livro adotado no ensino primário, na então administração do governador Professor Antônio de Sales Campos.

---

<sup>8</sup> Albuquerque (idem, ibidem).

## Livro de Geografia adotado na Instrução Pública do Ceará, 1935



Fonte: Mendes, 2012 / Biblioteca Pública Menezes Pimentel

Nesse livro, percebemos a adoção de imagens diversas do Ceará, apresentando um panorama geral das características físicas do território, acrescido de elementos demográficos. Neste sentido, é interessante destacar que Pimentel (1935) criou uma ferramenta denominada de sinopse. Acreditamos que essa seria mais uma estratégia para melhor apreensão dos conteúdos pelos alunos, realçando o atributo principal dos livros didáticos de outrora que consistia na memorização do conhecimento geográfico. Na realidade, desde o início da construção do saber escolar, o ensino foi sendo pautado em conteúdos considerados formais, resultado do saber produzido pelos intelectuais.

Sobre as características da Geografia escolar cearense daquela época, intelectuais que se preocupavam com a educação e o ensino de Geografia, revelavam já existir tendências de renovação para um tipo de ensino que Pompeu Sobrinho denominou como “*antiquados methods de ensinar geographia*”. Acrescentou, ainda, em artigo, nas Revistas do Instituto do Ceará, que o ensino de geografia na época era “*um conjuncto fastidioso e monótono, esteril e muitas vezes incerto de nomenclaturas, em que a phantasia dos autores se podia expandir livremente.*”. Sobre a metodologia da escrita da geografia escolar, explicou Sobrinho que “*não havia a preocupação pela causalidade dos phenomenos ou das suas influencias sobre outros phenomenos da mesma ou de outras ciências*”. (1929, p.12).

Neste contexto, como alternativa ao ensino tradicional, Pompeu Sobrinho citou o livro “*Lições de Geografia Geral*”, de Thomaz Pompeu de Souza Brasil, mencionado como um dos pioneiros da renovação do ensino de geografia no Ceará. Segundo o pesquisador, esse livro didático foi escrito como uma tentativa de *substituir o enfadonho sistema de nomenclaturas por descrições fiéis das regiões estudadas*, cujo objetivo seria contribuir para aprendizagem geográfica dos alunos, tornando-os observadores dos elementos geográficos que, por meio da utilização de materiais de apoio como mapas, cartas regionais, gráficos, diagramas, poderiam complementar as deficiências do ensino da

sala de aula e assim compreenderiam a verdadeira razão da existência da geografia como disciplina escolar.

Registrou Sobrinho (1929), em seu artigo, que o processo de renovação sofria resistência, mas não deveria ser considerado utópico. Como exemplo, cita a renovação da Geografia em países como Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanha. Países que, diretamente, influenciaram o desenvolvimento da geografia brasileira, tanto científica quanto escolar.

A partir desse século, a disciplina de geografia passou a receber renovações, pois o contexto histórico brasileiro, também começava a mudar. Desse modo, juntamente com a disciplina de história, reteve a missão de difundir a nacionalidade brasileira. Mais uma vez, reafirmamos que nos próprios livros cearenses esse intuito foi amplamente difundido com as reformas educacionais e os parâmetros que deveriam conduzir a educação no Brasil e em seus estados federados.

### PROFESSORES E PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO CEARÁ, SÉCULOS XIX E XX

A título de exemplificação, elaboramos um quadro com professores, muitos deles foram ainda pesquisadores e políticos que atuaram no ensino de Geografia, nas principais instituições de ensino no Ceará, sobretudo na cidade de Fortaleza. Sujeitos que, em sua maioria, participantes do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, tiveram atuações significativas. Essa atitude se justifica, pois entendemos que por meio das trajetórias dos intelectuais é que compreendemos, brevemente, a constituição do pensamento (seja científico ou escolar) geográfico local.

No quadro abaixo foi possível identificar as múltiplas instituições por onde passaram esses professores como docentes. Destaque para participação no Instituto do Ceará, no Liceu do Ceará, Escola Militar, Escola Normal e Faculdade Livre de Direito. Instituições reconhecidas pelo *status* de conhecimento e saber que conferiram distinção e prestígio social aos professores que por lá passaram:

QUADRO - Professores de geografia entre os séculos XIX e XX

Professores de geografia	Instituições	Período – década
Thomaz Pompeu (Senador)	Liceu do Ceará / Instituto do Ceará	1845
João Araújo Costa Mendes	Ateneu Cearense	1863
Rodolfo Teófilo	Escola Normal Liceu do Ceará Instituto do Ceará	1889 1894
Antônio Teodorico da Costa	Liceu do Ceará	
Antônio Augusto de Vasconcelos	Escola Militar do Ceará Liceu do Ceará Faculdade de Livre Direito Instituto do Ceará	1899
Júlia Vasconcelos	Escola Normal Instituto do Ceará	1903
Padre Carlos Antônio Barreto	Escola Normal	

Tomaz Pompeu de S. Brasil (filho)	Escola Militar do Ceará Liceu do Ceará Faculdade de Livre Direito Instituto do Ceará Instituto do Ceará	1876  1903
Boanerges Sabóia	Liceu do Ceará	1935
Martins Filho	Faculdade de Direito Instituto do Ceará Habilitado para professor de geografia	1943
Caio Lóssio Botelho	Liceu do Ceará Formado em geografia pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará – FAFICE (1956) Instituto do Ceará Universidade Estadual do Ceará	1968
Rubens de Azevedo	Formado pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará – FAFICE (1953) Criador da Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia – SBAA e em 1948 Instituto do Ceará Universidade Estadual do Ceará	1970

Fonte: Mendes 2012, adaptado das Revistas do Instituto do Ceará (1887-1950).

Os professores que ensinavam geografia eram considerados autodidatas ou então provenientes de outras formações, especificamente, da área de humanidades. A geografia brasileira foi nascendo pelas mentes de intelectuais que se inter-relacionavam com o estudo da natureza e com a formação dos lugares. A maioria participou da formação de agremiações literárias e científicas, concomitante a criação de instituições escolares.

Pelas trajetórias desses intelectuais cearenses, que em suas escolhas profissionais assumiram a função de professor de geografia, concomitante a outros cargos, sobretudo, os da administração pública e da política, foi se formando a geografia escolar local. Em meio às formações profissionais diversas, a Geografia no Brasil e, conseqüentemente, no Ceará, foi sendo constituída “[...] em um país sem geógrafos”. Assim já havia indagado Sousa Neto (1997), pois não existia formação superior para bacharel ou licenciado em geografia.

Outro marco fundamental, organizado pelos intelectuais da época, para constituição da geografia local foi, na década de 1940, a criação de uma faculdade para formação superior de licenciados no Ceará, denominada Faculdade de Filosofia do Ceará – FAFICE, situada na Escola Marista. A falta de ações direcionadas ao desenvolvimento do ensino superior público gerou uma demanda na qual se buscou soluções na iniciativa privada, como o caso do surgimento das Faculdades Católicas. “As faculdades católicas criadas no século XX no Estado do Ceará foram reflexo do ensino superior privado no país e de sua história que remonta ao início do período republicano”, diz Vasconcelos Júnior (2007, p.234).

A partir de 1965, a instituição entrou numa fase de dificuldades, em decorrência de crises financeiras da entidade mantenedora, agravando os problemas da Ordem dos Maristas. O movimento de intelectuais da época manifestou o desejo de não deixar a faculdade se extinguir. Com a visualização da importância dessa instituição acadêmica para formação de professores foi encampada pelo Governo do Estado do Ceará e, desde então, denominada Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE), pela Lei N° 8.423, de 03 de

fevereiro de 1966. A partir de 1975, a FAFICE foi reunida ao conjunto de faculdades que formaram a Universidade Estadual do Ceará.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia no Ceará passou de ensino, meramente descritivo e catalográfico, para uma ciência capaz de racionalizar o conhecimento sobre as potencialidades da natureza e das mudanças sociais. Professores que, a princípio, não tiveram formação superior em Geografia foram responsáveis pela produção dos saberes sistematizados sobre o Ceará e de boa parte do que se escreveu sobre a geografia escolar cearense, conforme visto pela caracterização de livros da época.

Na época, ser professor (sujeitos, em sua maioria, participantes do Instituto do Ceará, a principal instituição científica) foi uma das formas de participar da formação da Geografia em ascensão científica. O estudo de suas trajetórias nos deu elementos para compreendermos a constituição do pensamento geográfico local, seja científico ou escolar.

Na caracterização dos primórdios da geografia escolar do século XIX, tivemos, de fato, uma geografia puramente descritiva, enumerativa, conceitual, livresca e mnemônica que apresentava “informações genéricas, verdadeiramente enciclopédicas, de um mundo em franco processo de expansão”, conforme Rocha (op. cit, p.636). Os livros da época revelaram estes aspectos com clareza, permanecendo quase inalterados, perdurando por todo período imperial e início do próximo século.

A geografia cearense, até meados do século XX, ainda não era crítica, tendo na descrição seu fundamento metodológico principal. Mas, os elementos da comparação e causalidade começaram, discretamente, a serem inseridos na produção geográfica, a exemplo do que conhecemos com os livros mais recentes.

A produção de uma geografia endógena, isto é, geografia do Brasil, influenciada pelas teorias externas, mas que tinha como enfoque as questões territoriais, auxiliando na expansão e hegemonia do território brasileiro, por meio da materialização de identidades regionais foi um marco. Exemplos foram os livros de Geografia do Ceará, adotados nas escolas públicas e dos inúmeros artigos da Revista do Instituto do Ceará, além de outros livros sobre os temas produzidos pelos intelectuais da época.

Lembremos, ainda, que a geografia escolar constituída no Ceará seguiu passos similares ao contexto nacional. Algumas peculiaridades foram criadas pelos interstícios da História política, econômica e cultural local, pois cada lugar apresenta singularidades em meio ao quadro geral da história. Nesse embate, se deu a tônica da construção da geografia escolar cearense, resultado da criação da própria ciência em âmbito local.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. As Imagens nos Livros Didáticos de Geografia: uma perspectiva histórica. In: VASCONCELOS, José Gerardo et al. (Orgs.) **Tempo, Espaço e Memória da Educação**: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 67-87.
- BRAZIL, Thomaz Pompêo de Souza. **Compêndio de Geografia**. Ceará: Typ. De Paiva e Companhia, 1856. 526p

- \_\_\_\_\_. **Compendio Elementar de Geografia Geral e Especial do Brasil**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1869. 674p.
- DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. 319 p.
- JÚNIOR, Menezes Pimentel. **Corografia Física e Política do Estado do Ceará**. Fortaleza: Editora J. R de Oliveira & C, 1935. 96 p. (adotado nas escolas de ensino primário em 1935).
- MARQUES, Janote Pires. A Escola Militar do Ceará: primórdios da educação militar no Ceará (1889-1898). In: **Educare** – Revista Científica do Colégio Militar de Fortaleza. Fortaleza-CE. V. 4, n. 4. Set. 2011, p. 11-24. (publicação semestral)
- MENDES, Eluziane Gonzaga. Uma Breve História da Geografia Escolar Cearense. In: VASCONCELOS JÚNIOR *et al.* (ORGS). **Cultura, Educação, Espaço e Tempo**. Fortaleza-CE: Edições UFC, 2011. p. 605-621. (Coleção Diálogos Intempestivos).
- \_\_\_\_\_. Intelectuais da Educação no Instituto do Ceará: a geografia em destaque. In: VASCONCELOS, José Gerardo; *et. al.* (Orgs). **História da Educação: real e virtual em debate**. Fortaleza-CE: Edições UFC, 2012. p. 143-157.
- MONTEIRO, Ana Furtado. Professores e livros didáticos: narrativas e leituras no ensino de história. In: ROCHA, Helenice Apecida Bastos; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. (Orgs.). **A História na escola: autores, livros e lituras**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 175-193.
- OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. Palavras. **Revista do Instituto do Ceará** – RIC. T. XXII, 1908. p. 207-235.
- RIC – **Revista do Instituto do Ceará**. T.s I – LXI. Fortaleza-CE: Instituto do Ceará, 1887-1947.
- ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. O Ensino de Geografia e o Livro didático no Brasil: da Chorographia Brasílica de Aires de Casal a Geografia Moderna de Delgado de Carvalho. In:
- SANTOS, Fátima Aparecida dos. **A Escola Nova e as Prescrições destinadas ao ensino da disciplina de Geografia da Escola Primária em São Paulo no início do Século XX**. 2005. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação - História, Política e Sociedade), Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 2005.
- SILVA, Samara Mendes Araújo. Os meus livros de História: memórias e reflexões de uma professora sobre o livro didático de História. In: VASCONCELOS JÚNIOR *et al.* (ORGS). **Cultura, Educação, Espaço e Tempo**. Fortaleza-CE: Edições UFC, 2011. p. 287-299. (Coleção Diálogos Intempestivos).
- SOBRINHO, Thomaz Pompeu. **Esboço Physiographico do Ceará**. (Geographia Physica). Fortaleza-Ceará: Typ. Minerva, 1922. 207p.
- \_\_\_\_\_. As Licções de Geographia Geral e a evolução do ensino geographico no Brasil. **Revista do Instituto do Ceará** – RIC. Fortaleza: Instituto do Ceará. T. Especial, 1929. p. 73-79.
- SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeu: um geógrafo do poder no Império do Brasil**. 1997, 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1997.
- SOUZA, Simone de Souza; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. **O Ensino de História**. In: ROCHA, Vinícius de Souza; FICK, Vera Maria Soares (Orgs.) Curso Epistemologias para

o Ensino das Ciências Humanas e Sociais. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora LTDA, 2009. 39p.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. O Espaço Geográfico nas pesquisas educacionais. In: CAVALCANTE, Maria Juraci et al (Orgs). **História da Educação – Vitrais da Memória: lugares, imagens e práticas culturais**. Fortaleza, Edições UFC, 2008, p. 400-417.